

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

GERSON RODRIGUES DE REZENDE NETO

**INDEXAÇÃO NO ÂMBITO DO *STREAMING* MUSICAL: CONSIDERAÇÕES
TEÓRICAS A PARTIR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA**

GOIÂNIA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo do autor: Gerson Rodrigues de Rezende Neto

Título do trabalho: Indexação no âmbito do streaming musical: considerações teóricas a partir da produção científica brasileira

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Lais Pereira De Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 09/12/2024, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gerson Rodrigues De Rezende Neto, Discente**, em 09/12/2024, às 17:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

GERSON RODRIGUES DE REZENDE NETO

**INDEXAÇÃO NO ÂMBITO DO *STREAMING* MUSICAL: CONSIDERAÇÕES
TEÓRICAS A PARTIR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado para a banca examinadora da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Lais Pereira de Oliveira.

Goiânia

2024

R467i Rezende Neto, Gerson Rodrigues de.
Indexação no âmbito do *streaming* musical [manuscrito] : considerações teóricas a partir da produção científica brasileira / Gerson Rodrigues de Rezende Neto. – Goiânia, 2024.
51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lais Pereira de Oliveira.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui lista de siglas, lista de quadros e gráficos, referências.


1. Indexação. 2. Indexação de música. 3. Organização da informação. 4. *Streaming*. 5. Tratamento temático da informação. I. Oliveira, Lais Pereira de. II. Universidade Federal de Goiás. III. Título.

CDU 02


GERSON RODRIGUES DE REZENDE NETO

**INDEXAÇÃO NO ÂMBITO DO *STREAMING* MUSICAL: CONSIDERAÇÕES
TEÓRICAS A PARTIR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia, aprovado em 9 de dezembro de 2024, pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:

Documento assinado digitalmente
 LAIS PEREIRA DE OLIVEIRA
Data: 09/12/2024 16:41:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lais Pereira de Oliveira
Presidente da Banca Examinadora
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Documento assinado digitalmente
 LUCIANA CANDIDA DA SILVA
Data: 10/12/2024 23:18:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luciana Candida da Silva
Membro Examinador
Universidade Federal de Goiás (UFG)

A meu amado sobrinho Noah: vida longa e
próspera.

“Que seu coração esteja sempre alegre/Que
sua canção seja sempre cantada/E que você
permaneça eternamente jovem”

(Bob Dylan)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Célio e Eri, e minha irmã, Gabrielle, pelo amor, carinho, afeto, cuidado e apoio infindáveis, sem os quais o percurso pelos caminhos da vida seria impossível;

À Universidade Federal de Goiás, pelas portas sempre abertas e a oportunidade única de conhecer e amar a ciência da Biblioteconomia;

Às minhas professoras e professores, pelo valiosíssimo conhecimento transmitido com muita disposição, gentileza e talento, e o volumoso enriquecimento pessoal, profissional e de vida adquirido nas aulas de todo dia;

E em especial à minha professora orientadora, Dra. Lais Pereira de Oliveira, cuja magnânima competência, paciência e dedicação ao orientar, em todas as etapas de desenvolvimento, tornaram este trabalho realidade.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo bibliográfico de artigos científicos a partir do tema da indexação de música em plataformas digitais. Objetiva constatar as abordagens teóricas acerca da indexação de *streaming* musical, na perspectiva da produção científica brasileira de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Como objetivos específicos, estão: pesquisar a literatura, produzida no período entre 2013 e 2023, sobre indexação musical e *streaming*, nas bases de dados Brapci, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e os anais do evento Enancib; entender padrões e anotar as impressões extraídas, com vistas a visualizar desenvolvimentos teóricos nos trabalhos sobre o tema indexação das plataformas de *streaming*. Metodologicamente, constitui pesquisa descritiva, de natureza quali-quantitativa e conjuntura bibliográfica, considerando a ênfase da coleta de dados, nomeadamente aplicada sobre trabalhos na forma de teses e dissertações publicadas em bases de dados na Internet, após sua aprovação por banca examinadora competente. Obedece, pois, à pesquisa por assunto nas bases supracitadas, com uso das expressões “indexação musical”, “*streaming*” e “Spotify” na busca. Os resultados imediatos dos trabalhos retornados na busca demonstram uma particular escassez na publicação de teses e dissertações especializadas no nicho da indexação musical em mídias de *streaming*; embora seja um tema que perpassa o contexto de plataformas como o Spotify, uma plataforma de *streaming* musical de imenso sucesso entre o público jovem, depreende-se que o reflexo não tem sido direto no estabelecimento de pesquisas junto a programas de pós-graduação brasileiros. Conclui que a produção científica sobre indexação de *streaming* musical pode ser considerada ainda bastante reduzida, ínfima no caso da produção de teses e dissertações. Sugere-se, como caminho futuro de pesquisa, a exploração delimitada sobre os outros trabalhos recuperados, contemplando a conjuntura do *streaming* não apenas musical, com vistas à incursão comparativa sobre as formas de abordagem nesse cerne.

Palavras-chave: indexação; indexação de música; organização da informação; tratamento temático da informação; Spotify; *streaming*.

ABSTRACT

This paper presents a bibliographic study of scientific articles on the topic of music indexing on digital platforms. It aims to verify the theoretical approaches to music streaming indexing, from the perspective of Brazilian scientific production in Library Science and Information Science. The specific objectives are: to research the literature produced between 2013 and 2023 on music indexing and streaming in the Brapci and Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) databases and the proceedings of the Enancib event; to understand patterns and note the impressions extracted, with a view to visualizing theoretical developments in the works on the topic of indexing of streaming platforms. Methodologically, it constitutes descriptive research, of a qualitative-quantitative nature and bibliographic context, considering the emphasis on data collection, namely applied to works in the form of theses and dissertations published in Internet databases, after their approval by a competent examining board. It therefore complies with the search by subject in the aforementioned databases, using the expressions “music indexing”, “streaming” and “Spotify” in the search. The immediate results of the works returned in the search demonstrate a particular scarcity in the publication of theses and dissertations specialized in the niche of music indexing in streaming media; although it is a theme that permeates the context of platforms such as Spotify, a music streaming platform that is immensely successful among young audiences, it can be inferred that the reflection has not been direct in the establishment of research in Brazilian postgraduate programs. It concludes that the scientific production on music streaming indexing can still be considered quite limited, negligible in the case of the production of theses and dissertations. It is suggested, as a future research path, the limited exploration of the other works retrieved, contemplating the context of streaming not only music, with a view to comparative incursion into the forms of approach to this subject.

Keywords: indexing; music indexing; information organization; subject representation; Spotify; streaming.

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 – Outras plataformas de streaming musical digital	28
Gráfico 1 – Ano de publicação dos artigos	35
Gráfico 2 – Bases de dados utilizadas na pesquisa.....	36
Gráfico 3 – Termos utilizados na pesquisa.....	36
Gráfico 4 – Aderência ao conceito	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CEO	<i>Chief executive officer</i>
GT	Grupo de Trabalho
OI	Organização da Informação
TD	Termo descritivo
TICs	Tecnologias de informação e comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 JUSTIFICATIVA	14
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivo Geral	15
1.2.2 Objetivos Específicos	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	16
2.2 INDEXAÇÃO	20
2.3 <i>STREAMING</i> , O CONTEXTO DA MÚSICA E A CURADORIA DIGITAL	24
2.3.1 Outras Plataformas	28
3 METODOLOGIA	30
3.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	30
3.2 UNIVERSO E AMOSTRA	31
3.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	31
3.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS	31
3.5 ETAPAS DA PESQUISA	32
3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	32
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	34
4.1 INFERÊNCIAS EXTRAÍDAS DAS PESQUISAS EM BASES DE DADOS	34
4.2 ARTIGOS SELECIONADOS E SUAS ÊNFASES	38
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	50

1 INTRODUÇÃO

A expansão dos serviços de *streaming*, compreendidos como a transmissão de conteúdos audiovisuais via Internet, a partir dos anos 2000 e em especial nos anos 2010, dinamizou e difundiu como nunca o consumo e uso de informação, especialmente na forma sonora e visual. O lançamento do Napster em 1999, serviço de compartilhamento de arquivos MP3 que revolucionou o mundo da música do dia para a noite e fechado após ser alvo de vários processos judiciais, foi explicado por seu criador Shawn Fanning em 2009 como algo que veio “como resultado de ver uma espécie de necessidade não atendida e a paixão que as pessoas tinham por poder encontrar toda essa música, principalmente muitas coisas obscuras, o que não seria algo que você vai a uma loja de discos e compra, então parecia um problema que valia a pena resolver”. Sabe-se que o ser humano é uma criatura ávida por arte, ávida pelo consumo de arte, e essa dinamização vem a permitir então uma explosão cultural imensurável.

Diante disso, com o manuseio das criações artísticas saindo da exclusividade das indústrias culturais, como a fonográfica e a literária, e indo diretamente aos dígitos do usuário conectado, vão sendo transformadas também as práticas, costumes, técnicas de indexação da arte, isto é, das formas de representar seu assunto propriamente dito. A indexação sai então das mãos do profissional bibliotecário treinado, com as normas e parâmetros definidos por convenções internacionais, para o linguajar do usuário que adiciona a ela suas etiquetas conforme suas preferências pessoais, num grande processo de democratização. A este conceito dá-se o nome de *folksonomia*, neologismo que funde os termos “folks” (povos, em inglês) e o sufixo “nomos” (lei, regra, norma, em grego).

Porém, isso pode gerar alguns problemas, especialmente no mundo musical, nomeadamente a pulverização das canções por gênero. Os rótulos bem definidos como rock e heavy metal (e suas centenas de subgêneros como *hard rock*, *folk rock*, *thrash metal*, *sludge metal* etc.), jazz, clássica e pop acabam entrando em xeque, com a criação de rótulos à vontade podendo tornar trabalhos menos acessíveis ao audiófilo, “o indivíduo com uma paixão pela qualidade sonora suprema, buscando a perfeição acústica além do mero prazer musical” (Vieira, 2024), acostumado a um padrão mais definido.

Levando isto em consideração, este trabalho visa fazer um estudo da literatura existente sobre indexação musical, na busca de entender a indexação musical online, levando em conta suas particularidades e a interação entre a participação dos usuários e a das próprias plataformas.

Enfatiza-se então a necessidade de pesquisa e atualização da percepção do trabalho indexador com a apresentação na seção seguinte da justificativa e o problema, que incluem uma abordagem das recentes discussões trazidas pelas novidades na plataforma líder do segmento de *streaming* musical, o Spotify, e as questões que estes abrem em meio ao debate das práticas biblioteconômicas, como é de costume quando um campo milenar de trabalho é confrontado com descobertas e idealizações de novos conceitos.

1.1 JUSTIFICATIVA

A ideia desta pesquisa veio da percepção pessoal de um consumidor ávido de música, que tem a arte sonora como seu *hobby* principal, com experiência de indexação musical desde antes da explosão do *streaming*, nos tempos do colecionamento de arquivos MP3 em discos rígidos. Utilizando o Spotify, uma das maiores plataformas do ramo (o 61º website mais acessado do mundo e o primeiro na categoria Música, com 7,69% do tráfego mundial vindo do Brasil segundo o Semrush (2024), ao visualizar o Spotify Wrapped, uma retrospectiva anual pessoa disponibilizada pelo próprio *website*, viu-se dados como “você conheceu 550 novos gêneros”, um informe que chamou a atenção para a pulverização dos termos bibliográficos. Afinal, não é possível que existam tantos gêneros, não é?

Sendo o Spotify uma das maiores e mais importantes plataformas de consumo de cultura do mundo e tendo em vista a difusão de tantas outras contemporâneas desta, como Deezer, Apple Music, SoundCloud, YouTube Music e Amazon Music, frente a uma explosão folksonômica como esta é de suma importância que o bibliotecário atual compreenda as inovações que vão surgindo nestes espaços, para que enriqueça seu trabalho absorvendo e se adaptando às novidades.

Daí vem a proposta de fazer-se um estudo bibliográfico que permita descobrir como são os hábitos das pessoas (artistas, fãs, gravadoras, fornecedores etc.) ao indexar arquivos sonoros, principalmente pensando no atual conceito de folksonomia, a livre indexação de informação pelos usuários da web, por meio da leitura do que já foi publicado sobre o tema.

Nestes termos, em uma perspectiva teórica a pesquisa pode contribuir para o enriquecimento do campo de estudo biblioteconômico pavimentado por grandes professores como Mariângela Fujita e F.W. Lancaster, trazendo ao encontro deles perspectivas modernas para análise, compreensão e expansão destes temas, entendendo-se o que pode ser

aproveitado, o que pode melhorar, o que confirma ou refuta o que já se é sabido e utilizado correntemente no trabalho do bibliotecário.

Em uma perspectiva prática, pode agregar à ampla gama de boas práticas biblioteconômicas ao trazer um panorama das novidades criadas por esta perspectiva de expansão informacional exponencial, mantendo atualizado este ofício de tamanha importância, resultando na constante e necessária eficiência no processamento e manutenção da informação moderna.

Diante disso, tem-se como problema de pesquisa: entendendo que a música é uma das formas mais populares de conteúdo, qual o quadro teórico acerca da indexação de *streaming*, levando em conta aspectos como a indexação popular tão comum no *upload* de música e sua relação com a indexação formal já consagrada no campo de estudo da biblioteconomia?

1.2 OBJETIVOS

Apresentam-se na sequência os objetivos geral e específicos da pesquisa.

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender, a partir de pesquisa bibliográfica e documental, a indexação atual com enfoque nas plataformas de streaming digitais, inferindo o que as pesquisas têm trazido de relevante para compreensão desse contexto.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Pesquisar a literatura, produzida no período entre 2013 e 2023, sobre indexação musical e *streaming*, nas bases de dados BRAPCI e BDTD e os anais dos eventos ENANCIB;
- b) Analisar os resultados desta coleta, por meio da criação e interpretação de planilha e gráficos com os dados levantados, buscando entender padrões e anotar as impressões extraídas;
- c) Realizar análises e propor, do ponto de vista biblioteconômico, melhorias, aprimoramentos no campo de estudo da indexação das plataformas de *streaming*.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção são apresentados e expandidos temas centrais cuja compreensão faz-se importante para o entendimento do assunto que engloba o problema apresentado neste trabalho, tal expansão sendo feita através de análise de artigos e estudos já publicados formando a literatura do passado e do presente do tema, permitindo fazer um panorama histórico que leve a uma compreensão moderna da indexação no mundo do *streaming*.

2.1 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Cunha e Cavalcanti, em seu *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, definem conceitualmente “organização bibliográfica” como o “padrão de arranjo efetivo, que é o resultado de listagem sistemática dos registros da comunicação humana [...]; o arranjo efetivo indica a necessidade da existência de mecanismos que levem aos documentos, bem como a seu conteúdo temático” (Cunha e Cavalcanti, 2008, p. 270). A organização da informação (OI) de forma legível e facilmente localizável posteriormente é uma preocupação milenar, cuja ocorrência remonta já das primeiras bibliotecas fundadas na Antiguidade, tendo como um de seus primeiros teóricos ninguém menos que Aristóteles, o filósofo e polímata grego e um dos maiores expoentes da cultura ocidental. Como nos conta Lima, Aristóteles em seu *Organon* faz a primeira proposta de sistematização do saber humano, “um sistema filosófico representado por dez categorias, a partir de proposições que se referem à determinação formal do ser” (Lima, 2020, p. 60).

Tal necessidade se fez real pois, como assevera Silva (2010, p. 2), a informação, “supostamente organizada, com o tempo, ganha cada vez mais valor, passando a direcionar a vida das sociedades e elaborando o conhecimento necessário para a sua sobrevivência, num processo de constante mudança”. Café e Sales (2010, p. 117) pontuam que “podemos dizer que precisamos organizar para poder compreender o mundo e nos comunicarmos melhor”; e as bibliotecas, como qualquer outra organização desenvolvida pelo homem, não estariam alheias a essa necessidade.

Svenonius (2000, p. 11), sucintamente, define a organização da informação associando-a à recuperação da informação: “o objetivo essencial e que define um sistema de organização da informação é o de agrupar informação semelhante e diferenciar aquela que não é exatamente semelhante”. Outra definição nesta mesma linha vem de Vieira e Pinho (2015, p. 112), que a caracterizam como atividade mediadora,

sendo responsável por estabelecer uma ponte entre a representação e o uso da informação, caracterizando, assim, seu papel, quando se lida com objetos informacionais. Nesse sentido, a OI tem como função, resumidamente, organizar registros de informação para arranjá-los sistematicamente, de forma a possibilitar sua recuperação e posterior uso.

Com o passar das eras e a expansão informacional que transcorre, principalmente com a invenção da prensa de Gutenberg, as bibliotecas, que antes visavam acumular todo o conhecimento possível, passam a ter um volume de conteúdo cada vez maior do que o modelo anterior de biblioteca possibilitava administrar. Daí vem a ideia das “obras úteis”, que seriam mantidas em detrimento de outras, que seriam descartadas.

Para gerir esse processo, fez-se necessário o desenvolvimento de linhas gerais e parâmetros, como a tabela Cutter, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU). Estas estruturas, embora hoje mais voltadas ao campo da classificação, geraram inovações e contribuições que vieram a influenciar também a indexação, ao trazerem uma lógica de organização por hierarquia de assuntos, do mais geral ao mais específico, como notam Brascher e Robredo (2010), uma lógica que segue atual: “organizamos um acervo para compreendê-lo melhor e assim podermos recuperar objetos informacionais, isto é informações registradas nos mais variados suportes (textos, imagens, registros sonoros, representações cartográficas e páginas web)” (Café; Sales, 2010, p. 117).

A organização da informação se dá na prática por meio de duas perspectivas, a descritiva e a temática. Como define Souza (2018, p. 20), a representação descritiva ou bibliográfica “corresponde à análise e à síntese de elementos que identificam extrinsecamente o documento, tais como autoria, título, edição, volume, número, local de publicação, editora, ano de publicação, entre outros”; como exemplos, são citados a catalogação e a referência. Já a temática, ou intelectual, trata “da representação do conteúdo informacional dos documentos [...] subjetiva porque envolve maior capacidade do analista na seleção dos assuntos, principal e secundário(s), na relação com o texto em análise, com o contexto de uso e com a linguagem de indexação, entre outros”, tendo como exemplos a classificação, a indexação e a elaboração de resumos (Souza, 2018, p. 22).

Uma outra perspectiva a respeito da dualidade descritiva/temática vem de Maimone, Silveira e Tálamo (2011, p. 28), segundo as quais estes ramos da catalogação, aparentemente divergentes, “possuem bases teóricas com características próprias que, em alguns momentos, se entrelaçam”. As autoras elaboram:

Ambas se unem para possibilitar a eficiente recuperação de informações pelos usuários dos centros de informações. Desta forma infere-se que as representações documentárias são, simultaneamente, complementares e que a visão segmentada destas tem função no ensino e aprendizagem, pois, cada qual, requer conhecimentos específicos, mas é necessário entendê-las em seu contexto amplo para que a representação da informação seja plena.

O contexto digital traz uma mudança dramática nesses processos ao inserir na Biblioteconomia a perspectiva das redes, que maximizam consideravelmente as possibilidades de acesso a conteúdos, embora não sem suas dificuldades, como aponta Dias (2001, p. 1): “o que o contexto digital significa é um meio de facilitar o acesso a coleções que já existiam há muito tempo, com variada dificuldade de acesso, mas cujas eventuais facilidades providenciadas em nada poderiam se comparar às facilidades que a Internet pode propiciar”.

Para se entender esta situação, é importante fazer uma contextualização dos processos históricos. Como relata Ribeiro (2012, p. 7), à medida em que ocorre a explosão documental e as formas de representação da informação vão sendo debatidas, desenvolvidas, expandidas e ficando cada vez mais sofisticadas, vai se dando uma ênfase maior no tecnicismo, no pragmatismo da localização rápida e eficiente: “As preocupações de ordem técnica com a sua elaboração surgem a partir de finais do século XVIII, acentuando-se ao longo da centúria seguinte”, com ferramentas criadas de acordo, como os códigos de catalogação, a normalização descritiva, as linguagens controladas, etc., que foram por muito tempo o grande marco da organização da informação.

Porém, com a virada do século XX, ocorre uma verdadeira simbiose entre as tecnologias de informação e comunicação (TICs) e o fenômeno da informação em si: “passou a ser uma realidade diferente em que a tecnologia já não é, como antes, apenas um recurso ou uma ferramenta que ajuda a operacionalizar o tratamento e a recuperação da informação, mas tornou-se indissociável desta, em todo o seu ciclo vital: produção, tratamento, uso e armazenamento” (Ribeiro, 2012, p. 9). Essa alteração sísmica no terreno da organização da informação traz todo um questionamento e mudança de paradigmas, por balançar conceitos que até então eram consagrados, como a ligação estreita entre o suporte e a informação:

As alterações e as inovações produzidas pelas TIC's vieram pôr em causa o paradigma custodial e tecnicista vigente (Silva, 2006), pelo fato de tornarem mais evidente a separação conceptual entre o suporte e a informação (os dois elementos constituintes do ‘documento’) e permitirem valorizar esta última, em detrimento do primeiro, uma vez que este separado daquela deixa de ter qualquer interesse fora da área da Tecnologia dos Materiais. A possibilidade de estudar a informação de per se e de a tomar como objeto cognoscível conduziu, naturalmente, ao reforço e à consolidação da área de estudo que se ocupa deste fenômeno humano e social (a informação) e substituiu o objeto de estudo “documento”, em que se centravam as tradicionais Ciências Documentais [...] (Silva; Ribeiro, 2002).

Acompanhando estas mudanças mais que significativas, “os instrumentos de acesso à informação não ficaram incólumes à revolução tecnológica” (Ribeiro, 2012, p. 9); a autora ilustra este fato citando linguagens de representação descritiva via máquina, como os formatos MARC e UNIMARC. Tais plataformas evidenciam como as Ciências Documentais tradicionais, com a parceira do novo campo da Ciência da Informação, não devem temer ou ignorar os avanços tecnológicos, mas sim recebê-los com uma mente aberta, servindo como exemplo das possibilidades abertas para a indexação pelo surgimento de novas redes mundiais de difusão de arte e como abraçá-las.

Braz, Nascimento e Feitoza reforçam essa visão da OI como uma área do conhecimento que deve estar em constante atualização: “as atividades que cercam esse campo não devem ser vistas como necessidades atuais, mas que evoluem de acordo com o progresso e desenvolvimento social, recebendo destaque as contribuições da tecnologia da informação e comunicação, bem como sua constante evolução” (Braz; Nascimento; Feitoza, 2018, p. 68). Porém, como pontua Santos (2018, p. 232), em meio a esse progresso, é sempre bom lembrar que “a Web como meio de interação [...] através de prestação de serviços e a disseminação de informações torna-se cada vez mais importante, porém, os resultados dos investimentos são efetivos somente se o público-alvo puder localizar o que deseja” (Braz; Nascimento; Feitoza, 2018, p. 232).

Nesse sentido, como nos lembram Café e Bräscher (2008, p. 56), é bom reforçar o princípio básico de que a recuperação da informação deve ser pensada, em primeiro lugar, sempre com o perfil do usuário destinatário em mente: “os sistemas de recuperação da informação devem ser desenhados em função de seus usuários. Geralmente, quando se organiza informação, se tem em vista o usuário final de um sistema de informação, que recorre ao sistema para satisfazer uma necessidade específica de informação”. Seguindo esta linha de raciocínio, Silva e Silva (2012, p. 216) reforçam uma outra necessidade primária, a de, nesse trabalho de organização, se habituar com o conteúdo que será descrito: “É impossível falar de algo que não se conhece, por isso é necessário estar familiarizado com um documento ou acervo específico para poder representá-lo”.

Entendendo a organização da informação, sua história, as necessidades que a originaram e seus objetivos e missão, podemos entender como ao longo de sua atividade esta foi se diversificando e gerando novos ramos e abordagens de trabalho, como a catalogação,

classificação e a indexação, que será abordada na seção a seguir para melhor entendimento de todo este estudo.

2.2 INDEXAÇÃO

A indexação é a atividade vinculada à dimensão de representação temática da informação na qual todo o trabalho vai se basear e focar, por isso é imprescindível que se entenda o que ela é e o que se faz nessa ação. Sendo ela um dos eixos mais básicos do trabalho biblioteconômico, é central nos debates entre os estudiosos e profissionais, sendo um conceito utilizado em múltiplas áreas do conhecimento, praticamente todos aqueles no qual há produção humana de dados.

Esse debate acaba, então, trazendo à tona uma multiplicidade de definições de indexação no que tange ao seu nível conceitual. Guinchat e Menou (1994, p. 175) a definem como “a operação pela qual escolhe-se os termos mais apropriados para descrever o conteúdo de um documento [...] a operação central do sistema para a armazenagem e pesquisa das informações”.

Para Boccato e Fujita (2011, p. 1), “no contexto do tratamento da informação, a indexação é um processo que visa à análise e representação de assuntos dos conteúdos documentais, a partir de três concepções de análise de assunto: simplista, orientada pelo conteúdo e orientada pela demanda”. Assim, constatam-se diferentes possibilidades de desenvolvimento da indexação, dando à ação indexadora uma grande flexibilidade, que permite sua expansão e difusão com base nas preferências e necessidades de cada usuário, tanto do internauta utilizador de *tags* quanto do profissional bibliotecário ou do pesquisador de ciência da informação.

Guimarães (2009, p. 107–108) descreve a indexação como o “conjunto de procedimentos (manuais ou automatizados) para a organização e a representação do conteúdo dos documentos que [...] torna possível a recuperação dos documentos relevantes para uma busca de informação sobre um determinado assunto”. Nesse sentido demonstra-se a relação da indexação com a recuperação, sendo uma vital para a outra e vice-versa, pois somente através das “pistas” ofertadas pela indexação será possível a localização de um documento, enquanto que o ato de indexação só faz sentido enquanto há a necessidade do usuário de recuperar documentos de seu interesse.

Para Sousa e Fujita (2014, p. 19), na atividade de indexação “observa-se um articulado movimento de interação entre leitor (bibliotecário) e texto a ser incorporado no sistema documentário, tendo a leitura do profissional o papel de apropriação do conhecimento”. Nessa linha, de acordo com Santos (2017), trata-se de “uma atividade de caráter técnico e intensiva em conhecimento [...] deve ser realizada de modo estratégico, vislumbrando sempre a recuperação da informação, assim como a economicidade de recursos para as unidades de informação”.

Dal’Evedove, Tartarotti e Fujita (2015, p. 3) colocam que “representar o conhecimento contido nos documentos é o objetivo principal da indexação”. Por fim, para Cervantes (2016), a indexação “tem a função de aproximar o usuário do documento, pois o autor não emprega o mesmo vocabulário de quem fará uso do catálogo, sendo necessário haver coincidências entre as necessidades de busca e a representação do conteúdo”. As duas noções aqui expostas se aproximam pois convergem na importância da aproximação entre conteúdo e usuário para a difusão da informação; sabemos que autor e leitor carregarão repertórios diferentes de conhecimento, tornando necessária essa “tradução” do conteúdo autoral para uma linguagem mais acessível ao leitor, ou seja, a representação desse conteúdo.

A definição de seu significado e modo de operação irão girar, conforme raciocina Gardin (1974), em torno dos termos descritivos (TDs), palavras depreendidas daquele documento, as quais o bibliotecário entende como representativos do conteúdo ali contido e que poderão ser utilizadas pelo usuário da informação para sua recuperação, sendo esta a operação no qual toda a indexação é pensada. Um TD só é eficiente se facilita a integração do usuário ao conteúdo, devendo-se evitar a confusão.

Como lembra Bentes Pinto (2001, p. 226), “esses descritores vão se constituir na representação dos elementos indicadores do conteúdo do documento e não a sua representação, pois esta só pode ser pelo próprio documento”. A ideia de representação dos elementos evidencia a necessidade do indexador de analisar aquele conteúdo e fazer a dedução, através de seu próprio processo cognitivo, dos termos descritivos a serem aplicados, evitando a cópia.

A complexidade deste processo já era notória dentre os profissionais desde muito antes da era digital: em artigo de 1975, a mestre em biblioteconomia Gláucia Helena Barbosa Pereira de Souza (1975, p. 225) nota: “todos nós bibliotecários conhecemos a complexidade e a conseqüente morosidade que existem na etapa da indexação e/ou classificação de

documentos de uma dada coleção”. Ainda na mesma página, Souza (1975) levanta uma estratégia importante para a consecução desta missão, a definição de técnicas para guiar o trabalho, mais precisamente a escolha do sistema a ser utilizado; exemplos listados por ela incluem a rotação de palavras-chave e a utilização do tesauro. Outros sistemas mais modernos citados por Pinto (2001) consistem nas frases (Smeaton), sintagmas nominais (SYDO) e sintagmas (Lallich, Pinto). Cada método proposto terá seus prós e contras, estando na discricção do profissional escolher o mais adequado de acordo tanto com o tamanho do acervo, quanto com seu conteúdo abarcado.

Falando na dimensão da indexação, isto é, o número maior ou menor de conceitos a serem extraídos de um documento para sua indexação, este aspecto já foi também teorizado, mais precisamente pelo professor F.W. Lancaster, que propõe os conceitos de exaustividade e especificidade: “A indexação exaustiva procura extrair do documento o maior número de conceitos de forma a cobrir o seu conteúdo da maneira mais completa possível [...] A indexação específica, como o nome o diz, leva em consideração os conceitos específicos em função dos temas tratados no documento” (Pinto, 2001, p. 228).

Quanto a quem (ou o quê) faz esse trabalho, momento em que nos aproximamos do problema apresentado neste trabalho ao começar a tocar em assuntos digitais, temos como alternativas a indexação manual, que é a feita por humanos, e a indexação automática, feita por softwares, programas de computador. Esta é uma discussão que adentra inclusive em moldes éticos, pois de lado o trabalho manual pode ser visto como obsoleto, e do outro discute-se se a automação pode de fato reproduzir ou até mesmo superar os insights, as conclusões subjetivas alcançadas pela mente humana:

Embora a atividade de indexação manual pareça objetiva e neutra, na realidade isto não é verdade, pois ela consiste em um trabalho de síntese e, portanto, tem uma forte carga cognitiva, à medida em que demanda uma compreensão do conteúdo do documento, a extração dos elementos correspondentes a este conteúdo, a representação destes elementos e a sua organização em forma de índices. Sendo naturalmente uma atividade subjetiva, ela é influenciada pelos conhecimentos sobre o domínio do documento, pelas experiências do indexador, pelo conhecimento da atividade de indexação, igualmente pelo contexto onde se realiza a indexação, entre outros (Pinto, 2001, p. 231-232).

Conclui a autora que “no que concerne ao indexador e ao usuário, é desejável que a taxa de cobertura dos termos seja ótima, pois isto influenciará a pertinência das respostas fornecidas no momento da recuperação da informação (Pinto, 2001, p. 232). Em que pese essa questão, o primeiro dos Princípios da Indexação, conforme formulado por Maria Teresa Pinto

Mendes e Maria da Graça Simões (2002), é o da qualidade da indexação. Elaboram as autoras:

a qualidade da indexação depende, antes de tudo, da qualidade da análise, resultando esta da fidelidade com que exprime o conteúdo total ou parcial do documento, ou seja, da fidelidade com que exprime o pensamento do autor; resulta, ainda, de uma avaliação positiva da sua pertinência informativa em relação ao potencial utilizador (Mendes; Simões, 2002, p. 17).

Logo depois, o também imprescindível segundo princípio é o do interesse do usuário: a indexação deve se adequar ao perfil do usuário, antecipando seus objetivos e características próprias para melhor consonância entre a fonte de dados e o consumidor de dados: “a resposta a dar àquele utilizador que tem questões bem definidas [...] deve ser rápida e eficiente, garantindo-a logo numa primeira abordagem, com o mínimo possível de intervenção da sua parte em pesquisas indirectas, tantas vezes frustrantes” (Mendes; Simões, 2002, p. 18-19)

O *streaming*, sendo um serviço *online* por natureza e, assim, requerendo a escolha pela indexação automática, mescla os desafios da folksonomia com os da própria indexação digital, nomeadamente a necessidade de se avaliar esta indexação, de se estar atento à qualidade da indexação feita e disponibilizada ao público consumidor do conteúdo. Como pontuam Correa e Fujita (2024):

O emprego da indexação automática nas unidades de informação visa principalmente a garantir a inclusão em lote de um grande número de documentos digitais no catálogo on-line ou em repositório digital, poupar tempo e trabalho do profissional indexador na indexação e possibilitar uma melhor uniformidade e homogeneidade com relação aos termos de indexação. Porém, uma questão importante, a qual antecede a aplicação da indexação automática nas unidades de informação, é a avaliação da indexação automática quanto à qualidade dos termos de indexação, objetivando a tomada de decisão quanto ao uso operacional ou a necessidade de aprimoramento de um sistema de indexação automática (Correa; Fujita, 2024, p. 4)

Porém a exigência basilar de se promover e manter esta qualidade e adequação ao público, frente às novas tecnologias e as incertezas que elas trazem, gera desafios aos profissionais indexadores. Boccato (2009), tendo como base de seu argumento as bibliotecas universitárias, afirma a necessidade de se ter ouvidos e mentes abertas ao novo:

[...] a necessidade de atualização constante das linguagens documentárias adotadas por catálogos on-line [...] em razão da característica natural de evolução científica e do dinamismo e vanguardismo na geração de conhecimentos na universidade. Nessa perspectiva, os catálogos coletivos [...], inseridos em um contexto de áreas científicas especializadas, necessitam de instrumentos de organização e recuperação da informação compatíveis com suas características e da sua comunidade usuária (Boccato, 2009, p. 120-121)

Compreendendo isto, antes mesmo de entrar no aspecto musical, precisamos entender o aspecto da inovação representada pelo *streaming* em si, com suas particularidades, benefícios e desafios, sendo este o assunto que será abordado na próxima seção.

2.3 STREAMING, O CONTEXTO DA MÚSICA E A CURADORIA DIGITAL

O *streaming*, estrangeirismo extraído da língua inglesa que veio para ficar no diálogo lusófono, é definido como “a tecnologia de transmissão de dados pela internet, principalmente áudio e vídeo, sem a necessidade de baixar o conteúdo” (Gogoni, 2019). Trata-se de uma tecnologia de distribuição digital de dados caracterizado pela transmissão em tempo real, sem a necessidade de se baixarem os conteúdos, não ocupando espaço no disco rígido do consumidor. Os exemplos mais notáveis de serviços de *streaming*, sendo eles os maiores de seus segmentos, incluem as plataformas Netflix (filmes e séries de televisão), YouTube (vídeos, contando também com serviço de música), Spotify (música) e Twitch (*live streaming*, o *streaming* ao vivo, com enfoque especial na transmissão de jogos eletrônicos).

É, portanto, uma verdadeira revolução no compartilhamento de conteúdo, especialmente para quem se lembra do estado desta prática nas décadas de 1990 e 2000, quando a regra era a acumulação de *gigabytes* de conteúdo muitas vezes duvidoso em discos rígidos, transferidos da internet em velocidades lentíssimas via servidores *peer-to-peer* (P2P) nem sempre legais quanto aos direitos de propriedade. Tal moda dos anos 2000, já extinta, foi exemplificada por aplicativos polêmicos, e marcantes, de compartilhamento de arquivos como os extintos Ares Galaxy, Kazaa, LiveWire, Morpheus e Napster que, além dos riscos legais, eram também infames pelos riscos que traziam à segurança digital do usuário.

Como nos contam Silva e Carvalho (2023, p. 63), o consumo de música via internet “representa atualmente uma parcela significativa, atingindo 64% de todos os formatos de consumo”. A substituição do *download* de música pelo consumo do *streaming* levou a organização de mídias digitais do computador privado para as plataformas públicas, trazendo diversidade e transformações constantes na indexação da arte. Barros e Vital (2022, p. 709) colocam que a “organização da música na web amplia as possibilidades de representação, indo além das formalmente constituídas em disciplinas científicas, fazendo a noção de assunto modificar-se conforme a necessidade e o desejo do usuário”.

Aqui entra um conceito muito importante, o da semiótica. Tendo essa base no usuário, que em geral não terá o domínio do vocabulário descritivo e técnico familiar aos indexadores bibliotecários, a inspiração para a indexação nos sites de *streaming* virá de uma outra gama de elementos mais ligados à percepção pessoal de cada ouvinte, listados por Barros e Vital (2022, p. 710): “[...] por gênero, por recomendação de uso, por emoção, momentos, entre outros elementos representativos, sendo que muitos desses conceitos representam não a música em si, mas o possível significado que se espera que tal música influa no usuário quando da sua experiência de escuta”. Como exemplo, citam a “música para malhar”, representada na forma de listas selecionadas por seu percebido efeito encorajante à realização de atividades físicas, sem aceção de classificações mais técnicas.

Tal conceito de semiótica foi sendo proposto e delineado ainda no século XIX, por Charles Sanders Peirce, cientista, matemático, lógico e filósofo estadunidense. Peirce buscou compreender o efeito que a multiplicidade da percepção de significados emanados por algo tem nas experiências pessoais de cada humano que o vivencia:

Dependendo da relação do indivíduo com a música e do uso que dela faz, a música comportará um ou vários significados particulares. Ou seja, a música provocará um efeito de significação diferente na mente de cada indivíduo e sua relação com o objeto a que se refere também se estabelecerá de forma distinta [...]. A Semiótica de Peirce nos permite perceber que os níveis perceptivos imediatos dos efeitos das mensagens fundamentam os níveis lógicos. Em outras palavras, emoções e experiências particulares fundamentam a convenção compartilhada de termos e conceitos (Barros, 2017, p. 17–18).

Um outro conceito basilar que permeia esse novo paradigma e que também se faz necessário entender é o da própria organização *web*, a organização da informação em ambiente *online*. Cicon e Lunardelli (2012, p. 132) a caracterizam como “uma temática relativamente recente no âmbito da Ciência da Informação em razão do aumento expressivo da quantidade de informações em ambiente digital”, caracterizada pela interdisciplinaridade, o envolvimento estreito da Organização da Informação com os novos meios tecnológicos. Esse aumento informacional se dá principalmente por meio de *websites*, “que, em comum, disponibilizam conteúdos informacionais diversos e, conseqüentemente, criam possibilidades para o compartilhamento e a construção do conhecimento em ambiente digital” (Cicon; Lunardelli, 2012, p. 135).

Com as constantes mudanças oriundas desta natureza integrada, vai se abrindo também uma diversidade de estratégias de classificação de dados, resultado da natureza convergente da Web Social ou Web 2.0, a *web* dos tempos atuais, que envolve “wikis,

aplicações baseadas em Folksonomia, Redes Sociais e TI” (Silva, 2010, p. 4). Duas dessas estratégias de organização web são a *top-down* (de cima para baixo) e a *bottom-up* (de baixo para cima); a primeira era “marcada por uma Web baseada no comércio, dominada pelos Serviços de Diretório” e a segunda, característica dos *blogs*, “torna-se disponível logo após a sua construção pelo usuário, sem a necessidade da autorização por parte de moderadores [...] não seguem uma ordem superior e hierárquica” (Silva, 2010, p. 6).

Já a folksonomia, tradução livre do original em inglês *folksonomy*, surge como conceito em 2004, proposto pelo arquiteto informacional estadunidense Thomas Wander Val como consistindo numa nova forma de taxonomia, informal, baseada em *tags*, inseridas a partir do linguajar natural do utilizador da informação, sendo uma ponte que envolve diretamente o usuário no conteúdo consumido por ele: “o resultado da marcação de informações e objetos (qualquer coisa com um endereço eletrônico) feita livremente pela pessoa que consome a informação para sua própria recuperação, a qual é realizada em um ambiente social, ou seja, compartilhado e aberto a outros usuários” (Sousa; Correio, 2016, p. 522). O uso das *tags* vai crescendo cada vez mais entre os internautas, caminho que leva à sua maior aceitação por parte dos provedores, que vão integrando os rudimentos folksonômicos aos seus próprios serviços:

A tendência de uso dos rótulos, palavras-chave ou tags, a partir de meados de 2005, cresceram muito entre os usuários da Web. Prova disso foi a permissão cada vez maior dos sites quanto à categorização informacional realizada pelos próprios usuários, usando termos, não apenas representativos àquele determinado conteúdo, como também trazendo características do próprio criador e indexador (Silva, 2010, p. 8)

Já na comunidade científica, como nos relata Moulaison (2008), a literatura no que tange ao uso de *tags* segue pouco desenvolvida, devido à relativa novidade deste assunto e ao foco deslocado dos estudos, que focam mais nas *tags* em si e menos nas razões que fazem o usuário aplicar aquelas *tags*, o lado social, chamado pela autora de *social tagging*. Apesar de trabalhos passarem a surgir a partir de 2005, esse campo segue subdesenvolvido, não havendo ainda uma abundância de conteúdo. A autora afirma então que

Para compreender as formas como os diferentes tipos de etiquetagem podem diferir no ambiente online, os estudos sobre etiquetagem precisam desviar o foco das próprias etiquetas e colocar a ênfase do estudo no utilizador. [...] Os investimentos em tempo e recursos que já foram feitos no estudo da etiquetagem social produziram resultados muito interessantes, mas não aproximam significativamente o cientista da informação da compreensão da lógica subjacente às etiquetas ou da motivação para a etiquetagem [...] Estudos futuros, portanto, deveriam focar, pelo menos em parte, nos usuários. Ao tornar os utilizadores o centro do estudo, a especulação sobre a motivação poderia ser confirmada por um movimento em direção a uma maior compreensão (Moulaison, 2008, p. 106-107).

Ao focar na motivação, pode-se compreender que a experiência musical popular é altamente subjetiva, carregando consigo uma maior dificuldade de “colocar tudo numa só caixa” como, por exemplo, na música clássica ou nas artes plásticas, haja visto que cada ouvinte extrairá seu significado dela, aí já abrindo margem para, em tese, infinitas percepções diferentes. Somando-se a isso a pulverização e democratização da classificação e indexação desencadeadas pelas redes de *streaming* e a folksonomia, abre-se aí um dilema significativo para os profissionais indexadores que estejam acompanhando e buscando compreender o panorama das inovações no campo informacional musical. Barros e Vital (2022, p. 711) propõem:

Tornar objetiva a individualidade da experiência do ouvinte, agrupando essas expressões em torno de conceitos e classes, implica em um processo classificatório que precisa considerar necessariamente as irregularidades e ruídos da língua. Desse contexto, depreende-se uma abordagem pragmática da representação do conhecimento e da informação.

Quanto ao Spotify em si (vide seção 3.1), como plataforma e banco de dados passíveis de indexação, nota-se um certo desafio em compreendê-lo, por sua natureza corporativa massificada e sua atuação multifacetada. Como observam Moschetta e Vieira (2018, p. 260),

são muitas as indústrias culturais que, por operarem na internet, detêm um portfólio diverso e estão ligadas ao ramo da tecnologia, mas operam igualmente com conteúdos simbólicos que são de difícil catalogação. Determinar o Spotify como objeto de estudo levanta dois desafios. O primeiro deles é mapear seus raios de ação como agregador e distribuidor de músicas. O segundo é defini-lo: será uma plataforma de conteúdos, um serviço de distribuição, ou uma companhia de mídia?

Esta desconexão oriunda da natureza corporativa do Spotify não se limita só à entre indexadores e usuários; parece se estender desde a raiz do negócio, entre os fundadores do serviço (empresários, empreendedores, acionistas), os músicos cujo trabalho preenche a plataforma, e os ouvintes. Daniel Ek, diretor-executivo (CEO, na sigla em inglês) da corporação demonstra não entender seu próprio carro-chefe:

Hoje, com o custo de criação de conteúdo próximo de zero, as pessoas podem compartilhar uma quantidade incrível de conteúdo, escreveu Ek. A declaração sugere que os trabalhos criativos, na realidade, seriam apenas “conteúdos”, ignorando completamente o que necessário [*sic*] para fazer música (Cruz, 2024).

Outro fator com implicações éticas no Spotify é sua forma de mediação, o algoritmo digital, definido como mecanismo informacional que ordena, classifica e hierarquizar pessoas, lugares, objetos e ideias (Hallian; Striphos, 2016). Tal abordagem, embora seja uma alternativa eficaz para a resolução de problemas na internet, torna-se especialmente problemática ao pensar-se nos usuários, pois tal robotização cria uma distorção em massa nos

hábitos e preferências do público, promovendo uma verdadeira manipulação social, como relatam Da Mata e Moura (2023, p. 7):

Werner (2020) ao analisar as articulações entre a gênero (identidade), gênero musical e plataformas de *streaming*, destaca que a cultura algorítmica do Spotify prova que os algoritmos de recomendação da plataforma criam círculos ou bolhas para o consumo de música, podendo refletir valores dominantes e culturas hegemônicas. Desta maneira, os dados utilizados na construção de listas de reprodução usadas para a distribuição de *royalties*, muitas vezes reforçarão vieses e desigualdades.

Tais posições escancaram como a cultura corporativa, em sua busca pelo constante lucro, cria um descuido dos fornecedores com as nuances da informação veiculada que vai contaminando-a de cima para baixo, em todos os níveis, sendo um deles a indexação, que acaba por ter suas minúcias ignoradas em prol do que melhor “vende”. Faz-se necessária então, mais do que nunca, a atenção dos pesquisadores indexadores a esta questão de modo a evitar que o problema se prolifere ainda mais, e acabe por se tornar o novo normal.

2.3.1 Outras Plataformas

O quadro a seguir lista algumas das outras plataformas de *streaming* musical digital presentes no mercado, tidas como concorrentes do Spotify. Os nomes apresentados contam com breves descrições informando suas origens, serviços oferecidos e alcance no mercado de música digital, ressaltando no que se assemelham e no que diferem da plataforma sueca atualmente líder do segmento.

Quadro 1 – Outras plataformas de streaming musical digital

AMAZON MUSIC	Serviço de <i>streaming</i> e loja de música <i>online</i> lançado pela multinacional de <i>e-commerce</i> Amazon em 2007, originalmente com o nome Amazon MP3, mas hoje oferecem outros formatos de áudio com compressão de dados sem perdas e assim uma mais alta definição de áudio. Em 2021 estava empatada em terceiro com a Tencent Music, com 13% de participação no mercado.
APPLE MUSIC	Serviço de <i>streaming</i> de áudio e vídeo desenvolvido pela multinacional Apple Inc. e lançado em 2015. Novos usuários recebem inicialmente um período de um a seis meses de serviço grátis, após o qual é

	cobrada uma mensalidade. Em 2021 ficou em segundo lugar em participação no mercado de assinantes, com um alcance de 16%.
DEEZER	Serviço de <i>streaming</i> de áudio lançado na França em 2007. Iniciou sua expansão em 2012 e hoje está presente em 180 países; em 2021, detinha 2% do mercado de <i>streaming</i> de música.
TENCENT MUSIC	Serviço de <i>streaming</i> musical sediado em Shenzhen, na China, voltado para o mercado interno chinês. Em 2021 estava empatado em terceiro com a Amazon Music em participação no mercado, com 13% dele.
TIDAL	Serviço de <i>streaming</i> musical lançado na Noruega em 2014, focado em áudio e vídeo de alta definição e sem perda de dados. Reportam uma base de 80 milhões de faixas e 350 mil vídeos.
YOUTUBE MUSIC	Desenvolvido pela conhecida plataforma de vídeos YouTube, subsidiária da Google, e lançada em 2015, pensada para usuários que consomem música mais frequentemente pelo YouTube. Em 2020, substituiu o Google Play Music como a principal marca de <i>streaming</i> musical da Google. Reporta 100 milhões de usuários cadastrados, presentes em 104 países.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Percebe-se que o mercado de *streaming* de música digital, apesar da notória predominância do Spotify, apresenta grande diversidade, sendo rico em abordagens mercadológicas e propostas de serviços, com ênfase especial na qualidade do áudio e vídeo disponibilizados ao usuário. Tal diversidade tem o efeito benéfico de abrir possibilidades diversas também das práticas de indexação de seus acervos, à medida que as empresas visam ganhar espaço no mercado com a melhor transmissão de conteúdo, seguindo a lógica da livre concorrência. Essa mobilização por sua vez pode levar a inovações que trazem mais insumos para o estudo dos pesquisadores, enriquecendo assim a ciência da indexação em seu âmbito digital como um todo.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, são expandidos os detalhes da pesquisa, os métodos que foram utilizados para a consecução dos objetivos do estudo, com suas peculiaridades levadas em conta, partindo da questão-problema apresentada na introdução e dos objetivos gerais e específicos mencionados.

3.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O campo de pesquisa consistiu nas bases de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), e os anais dos eventos Enancib. O enfoque das pesquisas nestas bases foi o *website* Spotify, que, como notam Moschetta e Vieira (2018, p. 260), “com 140 milhões de usuários, [...] é o serviço de subscrição de *streaming* musical mais popular do mundo, oferecendo mais de 30 milhões de músicas e 2 bilhões de *playlists*, sendo como tal pertinente o seu estudo sociológico”.

A escolha do Spotify como norte para o início da pesquisa, na busca do cerne do trabalho que foi a produção científica, se deu pelo *website* ser a plataforma de transmissão musical líder do mercado em todos os aspectos e, portanto, a melhor para se analisar mais de perto num levantamento de informações de tendências sociais de indexação, tendo em vista atributos como seu alcance de nível global, popularidade massiva entre os internautas, tamanho extensivo do acervo e a participação diária e constante dos atores do mundo da música, como ouvintes, artistas, produtores e gravadoras, na plataforma. Werner (2020) o descreve como

mais do que simplesmente um serviço que oferece música, é um novo objeto de mídia emergente que funciona como uma complexa rede de recomendações musicais governadas por algoritmos, contando com uma interface visual de fotos, textos, *links*, gráficos, *affordances* e materialidades.

O Spotify foi fundado em 2006 por Daniel Ek e Martin Lorentzon em Rågsved, nos subúrbios de Estocolmo, a capital da Suécia. Os criadores “tiveram a ideia de criar uma plataforma legal para distribuir música online, que na altura era dominada por sites ilegais de partilha de arquivos”, a princípio experimentando com arquivos MP3 em discos rígidos, antes de mudarem para uma estratégia em que Ek “implorou às gravadoras que abrissem seus catálogos” (Agence France-Presse/The Local, 2018). A plataforma trabalha numa relação direta com os detentores dos direitos autorais das canções (geralmente gravadoras), pagando a

eles um pagamento de *royalties* baseado no número de vezes que uma canção é transmitida, e estes por sua vez pagam os artistas com base em acordos individuais.

O campo de pesquisa destacado no trabalho é a literatura científica, publicada na forma de artigos, livros, revistas e trabalhos destinados a eventos científicos e posteriormente armazenada em bases de dados online como forma de divulgação e preservação do trabalho acadêmico.

3.2 UNIVERSO E AMOSTRA

O universo da pesquisa envolveu artigos científicos sobre indexação musical e *streaming*. A amostra contemplou textos com atenção maior no Spotify, conforme encontrados nos *websites* Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e os anais dos eventos Enancib.

Desta feita, integraram o universo o conjunto de artigos que discutem indexação musical e *streaming* em algum nível. Por sua vez, o plano amostral se restringiu a artigos sobre indexação musical em plataformas digitais, mantendo o foco nas questões já observadas para melhor compreensão do que ocorre neste meio, evitando distrações com outras formas de mídias (filmes, séries etc.) que, cada qual, trazem seus próprios dilemas.

3.3 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A abordagem utilizada teve base nos preceitos da pesquisa qualitativa, baseada na análise e interpretação de artigos científicos, extraídos da literatura preexistente acerca do tema; conforme definem Bauer e Gaskell (2002), a pesquisa qualitativa “lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa soft”.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, pois visou colher informações detalhadas, específicas, identificando padrões, tendências e relações entre fatores delineados e descrevendo esses achados com precisão. Atrela-se, portanto, à perspectiva de pesquisa descritiva estabelecida por Gil (2002, p. 42): “descrever as características de determinadas populações ou fenômenos [com a] utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática”.

3.4 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DOS DADOS

Instrumentos de coletas de dados são “ferramentas que farão parte do processo de coleta, levantamento e, por fim, tratamento das informações e divulgação dos resultados. Para cada tipo de pesquisa é recomendado um instrumento de coleta diferente” (UFMG, 2021). Técnicas de coleta de dados, por sua vez, conforme Salgado (2023), referem-se a “métodos e procedimentos utilizados para obter informações relevantes e necessárias para uma determinada finalidade”.

A pesquisa adotou como instrumento a análise de materiais, consistindo no tratamento de conteúdos preexistentes, levantando deles os dados e conclusões depreendidos pelo pesquisador. Quanto à parte de estudo dos artigos, foi usada a análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2016), com a leitura técnica sendo a técnica agregada à seleção dos textos; nas palavras do autor, “visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores [...] que permitem a interferência de conhecimentos relativos às [...] variáveis inferidas dessas mensagens” (Bardin, 2016, p. 46).

3.5 ETAPAS DA PESQUISA

A primeira etapa da pesquisa foi constituída pela seleção da produção científica, por meio de um levantamento nas bases de dados Brapci e BDTD e anais do evento Enancib.

A segunda etapa envolveu o refinamento dos resultados encontrados, buscando o foco no ramo musical.

3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os procedimentos utilizados foram, primeiramente, a pesquisa bibliográfica. As buscas de ordem bibliográfica nas bases de dados e nos anais dos eventos foram feitas usando-se os termos “indexação musical”, “streaming”, “Spotify”, escolhidos por serem os termos mais relevantes e diretos neste que é um assunto bem nichado e ainda sem uma ampla diversidade de trabalhos lançados, para manter a pesquisa mais próxima possível de seus objetivos, excluindo-se os artigos relacionados ao *streaming* de outras formas de mídia como filmes, séries de televisão e *podcasts*.

No procedimento de pesquisa bibliográfica realizou-se pesquisa por assunto, sem filtros, sejam eles de título, tipo de trabalho ou período. A exclusão de itens se deu por meio

da acepção de, na seguinte ordem, título, resumos, palavras-chave, introdução, referências e conclusão. Considerando-se a Brapci, houve um retorno de 92 artigos ao buscar-se os termos escolhidos em ambas, numa pesquisa feita sem filtros nem uso de aspas. Nesse universo, excluindo-se destes resultados os artigos relacionados a outras mídias não compatíveis com os objetivos da pesquisa (como televisão, filmes, *podcasts* etc.) obteve-se uma amostra de 14 artigos, representando um percentual de 15,21%.

Já na BDTD, o cenário encontrado foi um pouco diferente. Os dois termos “indexação musical” e “Spotify” reuniram, somados, 61 artigos, dos quais obteve-se uma pequena amostra de 3 artigos, um total de 4,91%; o mesmo quesito de exclusão utilizado com a BRAPCI ocorreu também na BDTD. Por outro lado, surpreendentemente, o termo “*streaming*” veio a reunir o enorme número de 547 artigos, o que levou ao seu descarte ali no momento, tendo sido considerado imprático frente à falta de tempo para a triagem de todos esses textos.

No Enancib, por sua vez, foram consultados os anais de todas as conferências realizadas entre os anos delimitados de 2013 a 2023, com foco nos Grupos de Trabalho (GT) 2 (Organização e Representação do Conhecimento) e GT8 (Informação e Tecnologia). Aqui, para melhor captação de resultados, fez-se necessário alterar os termos de pesquisa para os mais amplos “curadoria digital” e “música”. Nisto, foram coletados 3 artigos considerados úteis, um com a temática da curadoria digital e dois com a temática de folksonomia.

Feita a coletânea destes artigos numa planilha, o próximo passo foi analisar os artigos selecionados com a leitura de seus resumos e, por meio do acréscimo de uma coluna a mais na planilha, anotar se cada um deles adeririam ou não ao conceito de indexação musical via *streaming*. A análise apontou que, dos 20 artigos ali reunidos, 10 aderiam “Sim” ao conceito, um total de 50%.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção são apresentados os dados colhidos por meio da pesquisa e seleção dos artigos coletados nas bases de dados listadas, após listagem destes em planilha e a indexação por termos representando seus atributos, a saber os autor(es), ano de publicação, termo utilizado para sua localização, base de dados em que foi encontrado e, mais importante, sua aderência ao conceito: se o artigo foi fiel ou não ao conceito estudado de indexação musical de *streaming* nas plataformas digitais.

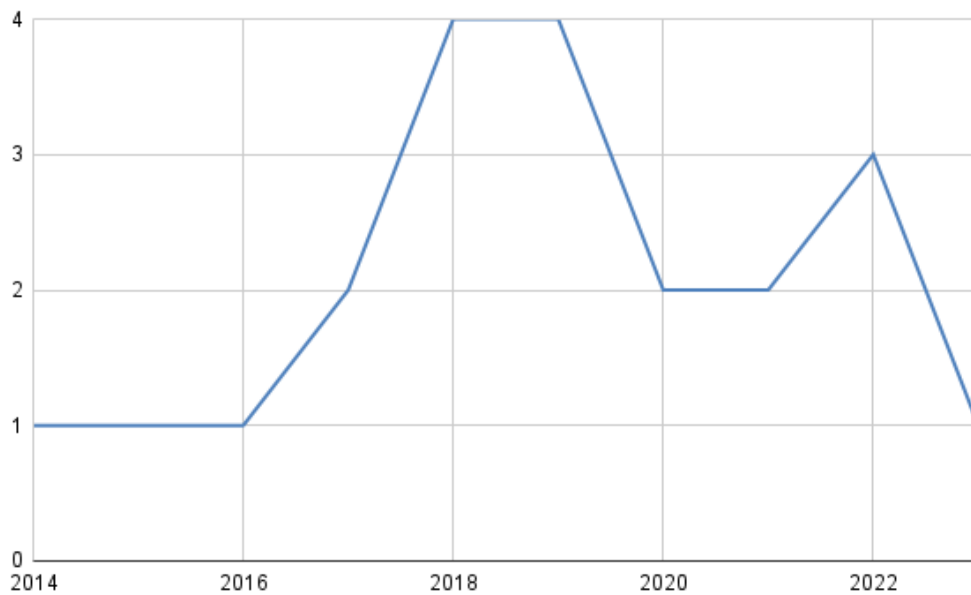
Feita a indexação, foi realizada a separação e contagem por meio dos filtros disponibilizados no *website* Google Planilhas, e o registro das estatísticas resultantes numa segunda página dentro da planilha já utilizada, para sua transformação visual em gráficos, que são expostos e interpretados.

Como adendo, cabe mencionar que o ano inicial dessa sequência escolhida, 2013, não retornou nenhum resultado, o que o levou a não figurar nos gráficos e estatísticas a seguir.

4.1 INFERÊNCIAS EXTRAÍDAS DAS PESQUISAS EM BASES DE DADOS

A primeira inferência diz respeito à linha do tempo das publicações, levando em conta sua data de publicação, com o período abarcado sendo um intervalo de dez anos (2013 a 2023). O decênio foi escolhido, a princípio, por fins práticos de pesquisa, mas também por se iniciar em meio a um cenário de franco crescimento do Spotify, que em 2014 foi de um público de 40 milhões de usuários, 10 milhões deles pagantes, em maio à cifra de 60 milhões de usuários, 15 milhões deles pagantes, em dezembro (Brustein, 2014).

Tais datas permitem uma pesquisa que inclua este contexto de explosão global da maior plataforma de *streaming* de música no mundo, abarcando desde sua expansão meteórica até o tempo recente, conforme se destaca no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Ano de publicação dos trabalhos

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

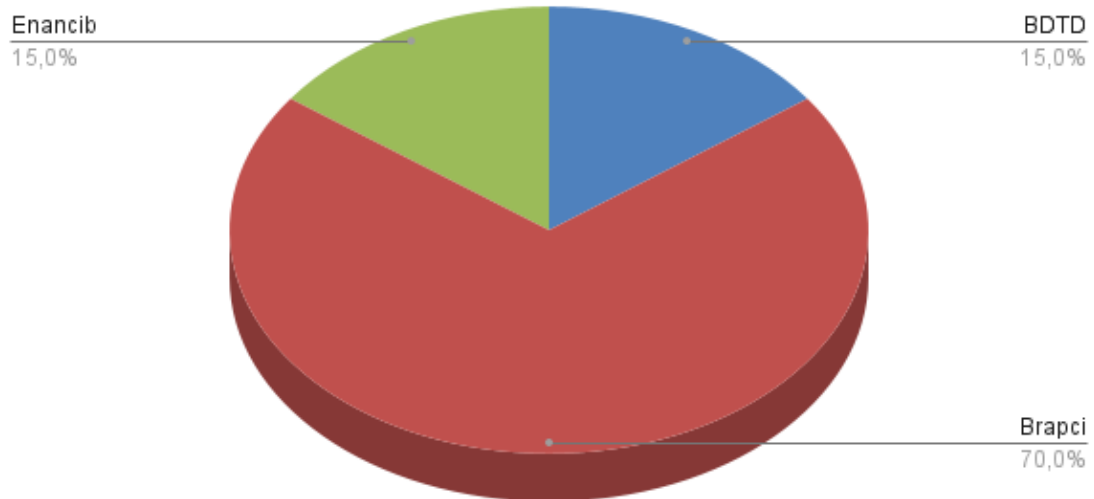
Quanto ao ano de publicação, percebe-se um crescimento exponencial a partir de 2017, ano em que ocorre o dobro de publicações (2) de 2016 (1), o que se repete em 2018, com novamente o dobro (4) de publicações do ano anterior. Tal movimentação se estabiliza em 2019, com o mesmo número de 4 artigos se repetindo. A partir daí a produção cai pela metade (2) em 2021 e se mantém assim mais um ano, esboçando uma reação em 2022 com 3 artigos, mas despencando em 2023 para o mesmo número do início da pesquisa, em 2014 (1).

Diante disso, pode-se inferir que as discussões sobre indexação de *streaming* acompanharam as tendências de interesse pelo próprio Spotify, com o crescimento na publicação de artigos se mostrando em paralelo à expansão do público da plataforma. Em 2016, ano de pico de publicações como indicado pelo gráfico, o serviço chegou aos 100 milhões de usuários no total (Murgia, 2016), se observando uma estabilização desse número até 2019, com 108 milhões de usuários, este o último ano em que a pesquisa registra a estável quantia de 4 artigos de 2016 (Mulligan, 2019).

A redução nos trabalhos que se inicia em 2020, similarmente, acompanhou uma queda de usuários no mesmo ano nos países afetados pela pandemia de COVID-19, o que inclui o Brasil, depois havendo uma recuperação, mas não mais voltando às taxas meteóricas de crescimento de outrora (Reuters, 2020).

Com relação à distribuição dos trabalhos pelas bases de dados, tem-se o exposto no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – Bases de dados utilizadas na pesquisa



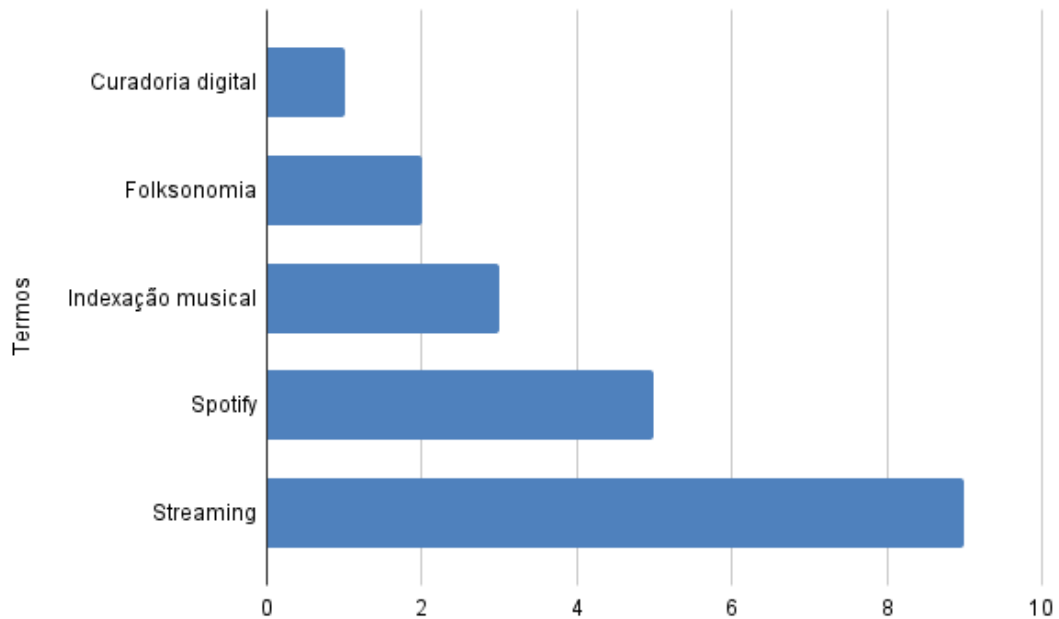
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Quanto às bases de dados em que os artigos foram localizados, nota-se uma predominância quase que absoluta da Brapci, com 14 artigos, mais que o dobro dos trabalhos da BDTD (3) e Enancib (3) somados.

Tal informação é especialmente reveladora considerando-se o enfoque de cada base: vê-se que há interesse consideravelmente maior na construção de artigos para periódicos científicos (Brapci) que de teses e dissertações acadêmicas (BDTD), ou trabalhos para apresentação no principal evento científico de Ciência da Informação no Brasil (Enancib).

Há que se sublinhar, porém, que a Brapci possui um escopo mais amplo que as duas outras bases citadas, indexando, conforme sua política interna, tanto revistas quanto eventos científicos e profissionais, requerendo tão somente “ter em seu escopo as áreas de Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia ou Museologia” e “atender o protocolo OAI-PMH para coleta de metadados e disponibilizar o acesso para coleta” (BRAPCI, 200-?). Logo, naturalmente a Brapci retornará em seus resultados uma cifra maior de artigos justamente por este menor rigor temático, fato que poderia reduzir a preponderância deste quesito 2 e seus resultados frente aos demais.

No que diz respeito aos termos utilizados para localização dos trabalhos, o gráfico a seguir os apresenta, listados por número de resultados trazidos por eles.

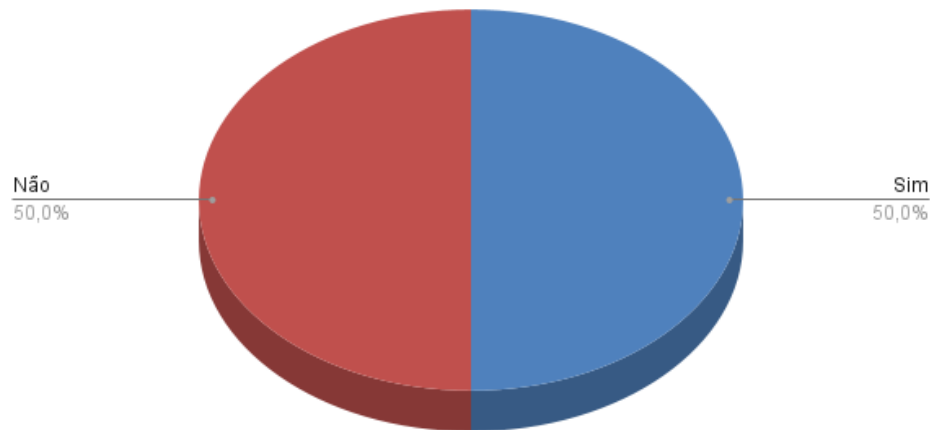
Gráfico 3 – Termos utilizados na pesquisa

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Fazendo-se a contagem dos termos de busca por resultados retornados, “*streaming*” (9) e “Spotify” (5) saem na frente, seguidos de “indexação musical” (3), “folksonomia” (2) e “curadoria digital” (1). Disso, pode-se depreender que os pesquisadores publicadores, ao indexarem seus trabalhos, não são tão distintos do usuário popular ao preferirem termos mais diretos e relevantes popularmente a termos técnicos, mais nichados entre estudiosos do tema.

Uma inferência que pode se derivar destes dados, então, é que as práticas da folksonomia, comumente pensadas como “populares”, “informais” ou até mesmo “leigas”, também penetram e influenciam o processo de publicação e indexação desempenhado pelos pesquisadores e autores. Afinal, como definida por Valongueiro (2006), a folksonomia é “um novo paradigma de classificação, pois respeita as diferenças culturais e características pessoais de quem utilizou e classificou determinada informação” (Amaral, 2018, p. 403). Tais fatores incluem vivências além do profissional que, consciente ou inconscientemente, adentrarão o conjunto de ideias que formam seus trabalhos, tornando também sua indexação mais humana, mais *folk*, algo amplificado pela internet e sua dinâmica de práticas e costumes.

A seguir, detalha-se a aderência dos artigos ao conceito proposto pela pesquisa, marcados com “sim” se aderem ou “não” em caso negativo.

Gráfico 4 – Aderência ao conceito

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Já o último e principal quesito considerado, a aderência dos trabalhos ao tema central da indexação musical em plataformas de *streaming*, surpreende pelo empate: metade dos trabalhos foi fiel ao tema (10) e a outra metade não (10). Algo que torna complicado efetuar um parecer mais decisivo, não havendo predominância nem a favor nem oposta ao tema, mas sim uma divisão em campos numericamente iguais, vide seção 4.2, onde a aderência, e os fatores considerados nessa análise, são desdobrados.

Pode-se, porém, inferir disto a necessidade de ampliar o escopo de estudo, permitindo a entrada de artigos com menor relação para um panorama maior, utilizando-se da incursão comparativa em relação às formas de abordagem possíveis.

Na seção a seguir, são elucidadas as ênfases discutidas em cada artigo, sendo eles comentados e descritos, especialmente quanto a esta aderência analisada e o entendimento que levou a essa classificação.

4.2 ARTIGOS SELECIONADOS E SUAS ÊNFASES

“Plataformas musicais: uma abordagem semiótica da organização da informação musical” (2019), de Karoly Gabriely Martini e Camila Monteiro Barros, faz uma análise da organização musical em duas plataformas de *streaming* musical, Spotify e Last.fm, levando

em conta o ângulo da semiótica. O conceito trazido por Charles Sanders Peirce é relevante por tratar da percepção, a compreensão individual que cada pessoa depreenderá de algo vivenciado, sendo portanto um elemento chave na indexação *online*, tão descentralizada e pulverizada. Esta ênfase é trazida então para dentro do Spotify, sendo este portanto um artigo que aderiu ao tema do estudo.

“Processamento da linguagem natural do domínio musical: do sentido à gestão terminológica no ambiente e-terms” (2018), de Juliana Rabelo do Carmo e Valdirene Pereira da Conceição, analisa o cenário da indexação musical com enfoque maior na linguagem natural, ou seja, termos e expressões, com influência maior da gestão terminológica, pensando na formação de vocabulário. Sendo este um trabalho cujo *corpus* inclui teses e dissertações publicadas entre 2003 e 2013 avaliados por número de palavras, o tema das plataformas de *streaming online* está ausente, sendo então classificado como um artigo que não adere ao escopo da pesquisa; porém, inclui ideias e conceitos que podem enriquecer o trabalho, como o uso de software *e-terms* para otimização da indexação digital.

“O consumo gratuito da música nas plataformas de *streaming*” (2022), de Fernanda Carolina Pegoraro Novaes, Walter Moreira, Amanda Mendes da Silva e Alessandra Nunes de Oliveira, reflete sobre a representação musical conforme alterada e influenciada pelo consumo de música digital, inevitavelmente transformado pela própria dinâmica das plataformas de *streaming*. Tal reflexão é feita com os objetivos “a) coletar bibliografia sobre o tema “música livre”; b) investigar como a ciência da informação pode beneficiar as pessoas por meio da Internet das Coisas; c) destacar [...] os principais pontos sobre plataformas de *streaming* e venda de música” (Novaes *et al*, 2022, p. 1), por meio de um panorama teórico e histórico mas também conectado ao *streaming* que constitui o enfoque da pesquisa, sendo então classificado como fiel ao tema trabalhado.

“A mediação algorítmica em plataformas de *streaming* de música e seus desdobramentos na cultura musical” (2023), de Priscila Oliveira da Mata e Maria Aparecida Moura, é uma análise de conteúdo que, embora também com enfoque na plataforma Spotify, tem um objeto de estudo diferente, os algoritmos. Mais especificamente a mediação de conteúdo, lançando mão do conceito de colonialismo de dados ao refletir sobre a oferta de conteúdo, sob a lente da automação e os efeitos culturais que toda essa lógica e seus processos derivados impõem à massa de usuários. Um ângulo relevante mas que, não estando no campo da indexação, foi classificado como não aderente ao conceito da pesquisa.

“Representação da informação musical: análise dos aplicativos derivados a partir do Spotify” (2020), de Daniel de Souza e Camila Monteiro de Barros, é uma pesquisa qualitativa. Tem a finalidade de analisar a representação musical com base em aplicativos externos que giram em torno do Spotify, como o Spotify Artist Explorer e o Spotify Playlist Miner, elaborados na Developer Showcase, uma comunidade de usuários desenvolvedores de aplicativos derivados da plataforma. Os resultados indicaram um foco em: a otimização de *playlists* com base em filtros e personalizações; e o fornecimento de informações sobre as canções/artistas, ambas tarefas fortemente ligadas à indexação. Sendo assim, o trabalho de Souza e Barros foi considerado um artigo que aderiu ao tema do estudo.

“Tidal: uma análise dos valores percebidos pelos usuários de música por *streaming*” (2018), de Alda Rosana Duarte de Almeida e Gabriela Oliveira da Silva, faz uma análise do Tidal, uma das plataformas de *streaming* musical concorrentes do Spotify. As autoras focam no aspecto mercadológico, com um panorama do surgimento do *streaming* de música como tendência de negócio e passando por conceitos como valorização, concorrência, *royalties*, pirataria e digitalização da indústria fonográfica; já a amostra de dados consiste em *tweets*, postagens da rede social Twitter medindo a resposta dos usuários ao serviço. Não tendo qualquer relação com o campo da indexação, foi classificado como não alinhado ao tema aqui trabalhado.

“Mudanças relevantes na indústria da música em tempos de pandemia: Plataformização e financeirização no *streaming* de áudio e vídeo” (2022), de Leonardo de Marchi, Micael Herschmann e Marcelo Kischinhevsky, é mais um trabalho focado no aspecto mercadológico das plataformas de música digital, tendo a pandemia de COVID-19 como pano de fundo do estudo. O artigo buscou analisar “tendências da produção, circulação e consumo na indústria da música, em especial através de *lives* e serviços de *streaming* de áudio e vídeo, notadamente nas plataformas Spotify e TikTok” (Marchi; Herschmann; Kischinhevsky, 2022, p. 48); embora envolva o Spotify, plataforma central neste trabalho, o artigo assim como o anterior enveredou por outro caminho diferente do da indexação, sendo mais um considerado como não aderente ao tema.

“Representação da informação musical: metáfora e sentido literal” (2022), de Camila Monteiro Barros, Luciane Paula Vital e Teresinha Pereira da Rocha, explora a representação da informação de música nas plataformas digitais com um enfoque conceitual, atentando para conceitos básicos do campo da linguística, como o sentido literal e o uso da metáfora. Para

isso, além do Spotify que é a principal plataforma do mercado, foram analisados também dois portais concorrentes, o Deezer e o SoundCloud, a fim de entender quais dessas abordagens linguísticas são privilegiadas na representação de conteúdo. Um trabalho que, com o pano de fundo das plataformas de música digital, lança de uma perspectiva multidisciplinar em um panorama por vários conceitos importantes da linguística, da representação e da indexação, sendo assim contabilizado como um artigo que se adequa ao tema do estudo.

“A digitalização das indústrias culturais: inovação e exclusão na indústria fonográfica” (2018), de Flávio Marcílio Maia e Silva Junior e Verlane Aragão Santos, trabalha a digitalização da música num paradigma histórico-tecnológico, fazendo um percurso desde o surgimento da microeletrônica e as tecnologias de informação e comunicação (TICs) até a criação do MP3 e as disputas e transformações que isso gera na indústria fonográfica levando às plataformas de música digital atuais, estendendo a reflexão ao conceito socioeconômico da indústria cultural. Porém, em momento algum tratou da indexação, motivo pelo qual foi classificado como não aderente aos objetivos do estudo, embora sua abordagem histórica-conceitual do *streaming* possa ser útil de forma complementar, como insumo de contextualização.

“Desmaterialização documental e vácuo informacional: o comprometimento da natureza ontológica do documento em um serviço de música *streaming*” (2020), de Alexandre Valdevino da Silva, Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda e Murilo Artur Araújo da Silveira, é mais um artigo que trata da mídia da música digital em seu aspecto técnico e informacional, abordando a conversão da música como tipo documental das mídias físicas para as digitais e as perdas resultantes dessa transformação, conceito que os autores chamam de vácuo informacional. Seu objeto de estudo é o acervo de uma gravadora pernambucana já extinta, a Rozenblit. Similarmente, por tratar da mídia em seus aspectos técnicos e tecnológicos, foi classificado como não aderente ao tema do estudo embora, assim como o anterior, possa também contribuir para o estudo em sua conceitualização, devido a seu foco na “natureza ontológica do documento, da marca distintiva deste enquanto documento: a sua natureza informativa” (Silva; Miranda; Silveira, 2020, p. 87).

“Organização de documentos sonoros na *web*: uma proposta de relação entre as teorias da Ciência da Informação com a organização de documentos sonoros em rádios *web*” (2016), de Clara Bessa da Costa, é o 12º artigo da lista, mas ainda o primeiro com autoria única. Semelhantemente aos anteriores, a autora reflete sobre a organização da informação musical

num cenário de transformação das mídias para o meio digital. Diferentemente deles, o objeto de estudo é uma outra forma de mídia, as rádios, mais precisamente as rádios *web*, observando a organização e descrição feita nesse meio. Embora tenha em comum com as plataformas digitais a semelhança do *live streaming*, sua atuação e propósito diferente e a ligação destas rádios com a Associação das Rádios Públicas do Brasil (ARPUB) as fazem destoar bastante da natureza privada e mercantilizada do Spotify e similares, sendo assim classificado como artigo não aderente ao tema do estudo, embora assim como os anteriores possa trazer conceitos e apontamentos úteis para o todo.

“Proposta de base de dados para classificação automática de gêneros musicais brasileiros” (2021), de Paulo Sergio da Conceição Moreira e Denise Fukumi Tsunoda, assim como a situação citada na justificativa (item 1.1), sugere a padronização da indexação musical frente ao problema gerado pela multiplicidade de gêneros utilizados ao se indexar todo este acervo digital. O trabalho inova ao trazer, como pano de fundo, o ângulo da música do Brasil e a exclusão de seus gêneros (como axé, brega, forró, maracatu, pagode etc.) frente a gêneros considerados mais tradicionais como jazz e música clássica, utilizando também o Spotify. Sendo o artigo que mais se aproximou das questões levantadas no início do estudo, foi considerado como aderente à temática estudada.

“OPAC 2.0: uma proposta de metodologia de análise” (2017), de Rafael Gonçalves Dias e Célia da Consolação Dias, tem como enfoque os Catálogos Online de Acesso Público (OPACs, na sigla em inglês), os catálogos utilizados em bibliotecas digitais, repositórios e bases de dados, e sua relação com a Web 2.0 e as mudanças e transformações trazidas por ela em seu funcionamento. Como exemplos dessas inovações de catálogos, são citados comércios digitais como Lojas Americanas e Amazon e plataformas de mídia como Spotify e YouTube. Situando-se no campo da catalogação, uma outra linha de trabalho, foi classificado como não aderente ao tema do estudo, tendo sido selecionado na coleta por conta dos possíveis apontamentos a se extraírem do ponto de vista de um outro campo de estudo.

“Modelo de análise de catálogos 2.0” (2018), também de Rafael Gonçalves Dias e Célia da Consolação Dias, segue a mesma linha de raciocínio do artigo anterior, novamente focando na relação entre catálogos digitais e a Web 2.0, sendo agora um estudo de caso que analisou catálogos bibliográficos e não-bibliográficos, dentre eles Spotify e YouTube. Também, pelos mesmos motivos do anterior, foi selecionado na coleta e classificado como

não aderente, com temas como redes, *software* e experiência e engajamento do usuário trazendo ideias úteis para se pensar na melhora da indexação digital.

“Modelo colaborativo para a construção e a publicação de Tesouros no contexto do *Linked Open Data*: aplicação no domínio da Música” (2021), de Everton Rodrigues Barbosa, inova ao trazer uma perspectiva diferente, a dos tesouros e sua construção e manutenção em meio à demanda de usuários heterogêneos, especialistas e não especialistas; sendo a música então escolhida, como um dos tipos de informação com maior diversidade entre usuários. O trabalho, a Tese de Doutorado do autor e o primeiro trabalho extraído da BDTD nos resultados da coleta, passa por uma longa lista de conceitos, indo dos tesouros ao modelo de dados *Simple Knowledge Organization Systems* às práticas do *Linked Data* na busca de novos modelos colaborativos de indexação. Foi classificado como não aderente por não tratar da indexação das plataformas de *streaming* em especial, mas selecionado em coleta pela riqueza de conceitos a depreender dele.

“Curadoria musical no Spotify” (2017), de Jorge Otávio Pinto Pouey de Oliveira, tem como foco a percepção das plataformas musicais digitais, como o Spotify, de atores influenciadores quanto à criação de novos padrões de consumo e práticas culturais, tanto no mundo musical quanto na esfera da organização de conteúdo através da curadoria digital, uma prática que o Spotify assume gerando transformações em escala mundial por meio do tamanho e potencialidades de sua própria plataforma. Sendo um trabalho que trata do Spotify como vetor de transformação digital e se baseia firmemente no estado da indexação e sua situação frente às novas tecnologias, é considerado uma fonte que aderiu ao tema do estudo.

“Na vazante da infomaré: desmaterialização de álbuns sonoros e vácuo informacional em um serviço de música *streaming* (2019), de Alexandre Valdevino da Silva e Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda, também autores de “Desmaterialização documental e vácuo informacional: o comprometimento da natureza ontológica do documento em um serviço de música *streaming*” citado anteriormente, seguem a mesma linha de estudo da transferência do acervo da gravadora Rozenblit para a esfera digital, e as transformações a serem observadas desse processo. Aqui os autores fazem a comparação desse acervo analógico com sua representação na plataforma digital Spotify, notando as perdas resultantes dessa transição, no mesmo âmbito supracitado do vácuo informacional. Por sua ênfase na indexação musical no Spotify e as implicações que esse processo traz para a indexação, memória e acesso à informação, foi classificado como trabalho aderente ao tema do estudo.

“Folksonomia como objeto de estudo no GT-2 do ENANCIB” (2019), de Joyce Mirella dos Anjos Viana e Paula Regina Dal’Evedove, apresentado no XX Enancib, adentra o campo da folksonomia, a indexação popular por meio das *tags*, descrita como de enfoque recente nas pesquisas da organização da informação, tendo em comum a temática do estudo da indexação musical como assunto de pouca atenção nos últimos dez anos. Também similarmente ao presente estudo, o trabalho das autoras é qualitativo, se dando por meio do levantamento de publicações dentro de um decênio, aqui de trabalhos do Grupo de Trabalho 2 do Enancib, e das inferências feitas a partir dos dados coletados. Por pautar um método de representação digital com total relação à indexação musical online e ter uma metodologia similar, o resumo expandido foi considerado um trabalho que aderiu ao tema estudado.

“Aspectos convergentes da curadoria digital e da representação da informação” (2019), de Maria Lígia Triques e Ana Carolina Simionato Arakaki, também foi apresentado no XX Enancib, e o único encontrado sob o termo de pesquisa “curadoria digital”. Segue linha similar à de seu colega de evento, sendo uma análise qualitativa, bibliográfica e exploratória, voltando-se também para a literatura científica com o enfoque na curadoria digital, outro conceito importante no que tange à indexação de mídias digitais. O ponto focal foram os metadados. Como o trabalho anterior, por sua similaridade em assunto e metodologia, foi incluído como alinhado à temática do estudo.

Por fim, “A folksonomia e a representação colaborativa da informação em ambientes digitais” (2014), de Raimunda Fernanda dos Santos e Renato Fernandes Corrêa, faz uma discussão conceitual da folksonomia no meio digital, visando entender suas práticas e consequências e o que elas influem na recuperação de informação como processo, buscando minimizar seus problemas. Também teve como metodologia a revisão de literatura, sendo uma pesquisa bibliográfica e exploratória, com enfoque especial no método da Folksonomia Assistida. Como os dois anteriores, por seus pontos em comum nas esferas temática e metodológica, foi considerado uma fonte que aderiu ao tema estudado neste trabalho.

5 CONCLUSÃO

O estudo visou pesquisar, analisar e entender a situação da produção científica brasileira sobre o tema da indexação de *streaming* musical, tendo em vista a expansão deste como o maior meio de consumo de música entre o público, principalmente entre os jovens, público propenso a estar publicando teses e dissertações acadêmicas que envolvam o tema, por sua presença constante no dia a dia como *hobby* e entretenimento social.

Para isso, foram pesquisados, coletados e analisados os resumos de 20 trabalhos, entre artigos, teses e dissertações, por meio de seus resumos, com os resultados transferidos para uma planilha onde foram interpretados por meio de planilha e gráficos.

Cabe ressaltar que o foco em resumos, que se deu por conta do tempo reduzido para o desenvolvimento do trabalho, trouxe benefícios, mas também desafios. Tal metodologia possibilitou ganhar tempo e também incluir mais trabalhos na pesquisa, pela remoção do labor que viria de lê-los (alguns deles com centenas de páginas) em sua extensão completa, porém também limitou as possibilidades ao coibir a inclusão de uma riqueza de informações que essa leitura mais expandida permitiria depreender.

No geral, foi possível compreender que, mesmo com um período de mais uma década entre a explosão do *streaming* e os dias atuais, o interesse na pesquisa neste campo de estudo segue reduzido, ínfimo no caso das teses e dissertações, evidenciando que o interesse dos jovens pela música não vem refletindo no interesse nesse ramo artístico como objeto de pesquisa no campo da indexação moderna.

Portanto, como iniciativa para mudar este paradigma, sugere-se a exploração delimitada sobre outros temas tangenciais também encontrados na pesquisa, como mencionado nas descrições de trabalhos classificados como não aderentes ao tema, mas selecionados pelos conceitos e apontamentos com os quais podem contribuir. Outra estratégia sugerida é a expansão do estudo do *streaming* numa natureza multimídia, saindo da exclusividade do musical para outras formas de audiovisual como rádios *web*, filmes, séries e os populares *podcasts*, abarcando comparativamente as abordagens desses meios para extrair conceitos, práticas e notar o que pode ser aprendido com eles, quais delas poderiam ser adotadas ou adaptadas para um maior e melhor estudo da indexação musical digital.

REFERÊNCIAS

- AFP/The Local. The story of Spotify: Sweden's controversial king of music streaming. **TheLocal.se**, 02 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.thelocal.se/20180302/the-story-of-spotify-swedens-controversial-king-of-music-streaming>>. Acesso em 06 abr. 2024.
- AMARAL, Adriana; SALVADOR, Tarciso. Folksonomia em sites de redes sociais segmentadas (SRSS) em livros: um estudo exploratório da interface do Goodreads. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 397–413, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8650424>>. Acesso em: 26 abr. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, Camila Monteiro de. **Informação musical: análise semiótica da experiência de não especialistas em música e as implicações teóricas na organização do conhecimento**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/174306>>. Acesso em: 4 abr. 2024.
- BARROS, Camila Monteiro de; VITAL, Luciane Paula. Representação da informação musical: metáfora e sentido literal. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 708–722, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/42202>>. Acesso em: 3 abr. 2024.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad.: P. A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. A linguagem documentária vista pelo conteúdo, forma e uso na perspectiva de catalogadores e usuários. Em: Mariângela Spotti Lopes Fujita. (Org.). **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias**. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2009. p. 119-135.
- BOCCATO, Vera Regina Casari; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A indexação nas perspectivas das concepções de análise de assunto em bibliotecas universitárias. **Revista EDICIC**, v. 1, n. 4, p. 208-220, oct./dic. 2011.
- BRÄSCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da informação e bibliometria. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp., p. 54–75, 1º sem. 2008.
- BRUSTEIN, Joshua. Spotify Hits 10 Million Paid Users. Now Can It Make Money? **Bloomberg**, 22 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2014-05-21/why-spotify-and-the-streaming-music-industry-cant-make-money>>. Acesso em 08 nov. 2024.
- CAFÉ, Lígia; SALES, R. Organização da informação: Conceitos básicos e breve fundamentação teórica. In: Jaime Robredo; Marisa Bräscher (Orgs.). **Passeios no bosque da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento**. Brasília DF: IBICT, 2010. 335 p. ISBN: 978-85-7013-072-3. Capítulo 6, p. 115-129. Edição eletrônica. Disponível em: <<http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- CERVANTES, Brígida Maria Nogueira; FERREIRA, Fabiane. Processo de indexação nas bibliotecas dos Institutos Federais do Paraná - IFPR. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.14, n.1, p. 164-179, jan./abr. 2016. Disponível em:

<<https://www.researchgate.net/publication/297724335> **Processo de indexação nas bibliotecas dos Institutos Federais do Paraná - IFPR**>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CICON, Claudia Regina; LUNARDELLI, Rosana S. A. A organização da informação em ambiente web: um estudo do portal do PROCON-PR. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 1, n. 1/2, p. 132 –151, jul./dez. 2012. Disponível em:

<<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/download/14592/12260>>. Acesso em: 26 abr. 2024.

COMO ser indexado na Brapci. **Brapci**, s/d. Disponível em:

<https://www.brapci.inf.br/#/about/how_index>. Acesso em 08 nov. 2024.

CRUZ, Felipe Branco. A declaração do chefe do Spotify que revoltou o mundo da música. **Veja**, 04 jun. 2024. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/a-declaracao-do-chefao-do-spotify-que-revoltou-o-mundo-da-musica>>. Acesso em 05 jun. 2024.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. xvi, 451 p.

DAL'EVEDOVE, P. R.; TARTAROTTI, R. C. D.; FUJITA, M. S. L. Concepções de política de indexação na visão de bibliotecários brasileiros. In: ENCONTRO IBÉRICO, 7., 2015, Madrid. **Anais**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2015. Disponível em: <<http://eprints.ucm.es/34737/>>. Acesso em: 25 abr. 2024.

DIAS, Eduardo Wense. Contexto Digital e Tratamento da Informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação** - v.2 n.5, out. 2001.

ETHERINGTON, Darrell. Amazon launches Amazon Music HD with lossless audio streaming. **TechCrunch**, 17 set. 2019. Disponível em: <<https://techcrunch.com/2019/09/17/amazon-launches-amazon-music-hd-with-lossless-audio-streaming/>>. Acesso em 11 set. 2024.

EVANGELISTA, Benny. An interview with Napster's Shawn Fanning. **The Technology Chronicles**, San Francisco, 1 jun. 2009. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20210521093345/https://blog.sfgate.com/techchron/2009/05/31/an-interview-with-napsters-shawn-fanning/>> Acesso em 03 abr. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOGONI, Ronaldo. O que é streaming? **Tecnoblog**, 2019. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-streaming/>> Acesso em 11 abr. 2024.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação: catalogação de assunto, indexação e análise documental. // Ibersid. (2009) 105-117.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Tradução: Miriam Vieira da Cunha. Brasília: IBICT, 1994. Disponível em: <<https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1007>>. Acesso em: 25 abr. 2024.

HALLINAN, B.; STRIPHAS, T. Recommended for you: The Netflix Prize and the production of algorithmic culture. **New Media & Society**, v. 18, n. 1, p. 117-137, 2016. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444814538646>>. Acesso em: 18 out. 2024.

INGRAHAM, Nathan. YouTube Music isn't perfect, but it's still heaven for music nerds. **Engadget**, 12 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.engadget.com/2015-11-12-youtube-music-app-hands-on.html>>. Acesso em 11 set. 2024.

MARCHI, L.; HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. Mudanças relevantes na indústria da música em tempos de pandemia: plataformização e financeirização no streaming de áudio e vídeo. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 24, n. 2, 2022.

MATA, Priscila Oliveira da; MOURA, Maria Aparecida. A mediação algorítmica em plataformas de streaming de música e seus desdobramentos na cultura musical. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, 23., 2023, Aracaju. **GT 5 – Informação e Economia da Informação**, 2023. Disponível em: <<https://cip.brapci.inf.br/download/257891>>. Acesso em: 18 out. 2024.

MENDES, Maria Teresa Pinto; SIMÕES, Maria da Graça. Indexação por assuntos: Princípios gerais e normas. **Páginas a&b: arquivos e bibliotecas**, Lisboa, n. 8, p. 7–74, 2002.

MOSCHETTA, Pedro Henrique; VIEIRA, Jorge. Música na era do streaming: curadoria e descoberta musical no Spotify. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 20, n. 49, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/5XZxPbPwL7VhPdhdLgbmzfF/>>. Acesso em: 7 maio. 2024.

MULLIGAN, Mark. Music Subscriber Market Shares H1 2019. **Mídia Research**, 5 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.midiaresearch.com/blog/music-subscriber-market-shares-h1-2019/>>. Acesso em 08 nov. 2024.

MURGIA, Madhumita. Spotify crosses 100m users. **The Telegraph**, 20 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/technology/2016/06/20/spotify-crosses-100m-users/>>. Acesso em 08 nov. 2024.

NOVAES, F. C. P.; *et al.* O consumo gratuito da música nas plataformas de streaming. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación**, v. 16, 2022.

PINTO, Virgínia Bentes. Indexação documentária: uma forma de representação do conhecimento registrado. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 223 - 234, jul./dez. 2001.

QUAIS são os instrumentos de coleta de dados de pesquisa? **Faculdade de Direito da UFMG**, 1 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://biblio.direito.ufmg.br/?p=5116>>. Acesso em: 24 de mai. de 2024.

REUTERS. Spotify's subscribers, usage surge amid coronavirus outbreak. **CNBC**, 29 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.cnbc.com/2020/04/29/spotify-spot-earnings-q1-2020.html>>. Acesso em 08 nov. 2024.

RIBEIRO, Fernanda. Organização e uso da informação: conhecer bem para bem representar. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, Recife, v. 1, n. 1, p. 7-16, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/IRIS/article/view/248113>>. Acesso em: 19 abr. 2024.

ROBREDO, Jaime; BRASHER, Marisa. Passeios pelo bosque da Ciência da Informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: **IBICT**, 2010. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/36/1/eroic.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SALGADO, Danielle. Técnicas de coleta de dados: tudo que você precisa saber. **Blog Opinion Box**, 2023. Disponível em: <<https://blog.opinionbox.com/tecnicas-de-coleta-de-dados/>>. Acesso em: 24 de mai. de 2024.

SANTOS, Alessa Fabíola dos. **A atividade de indexação apoiada por plataformas computacionais**. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1440/dissertacao_alessa_15689006572758_1440.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SILVA, Matheus Alves Sousa e; LIMA DE CARVALHO, Rafael. Sistemas de recomendação de música usando a plataforma JINA.AI. **Academic Journal on Computing, Engineering and Applied Mathematics**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 63–68, 2023. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/AJCEAM/article/view/17292>>. Acesso em: 5 jul. 2024.

SMITH, Dylan. Spotify Is Slowly Losing Market Share to Rivals YouTube Music, Tencent Music, Amazon, and Others — Report. **Digital Music News**, 14 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.digitalmusicnews.com/2021/07/14/spotify-market-share-analysis/>> Acesso em 11 set. 2024.

SOUSA, Brisa Pozzi de; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Análise de assunto no processo de indexação: um percurso entre teoria e norma. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2014.

SOUZA, Edivanio Duarte de. **Análise da informação**. Brasília, DF: CAPES: UAB; Rio de Janeiro, RJ: Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018. Disponível em: <https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/10094421102021Analise-da-Informacao-LIVRO_-_Aula_01.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SOUZA, G. H. B. P. de. Indexação: economizando na entrada e na saída. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, set. 1975. 5(2), p. 225-231.

SPOTIFY.COM Website Traffic, Ranking, Analytics. **Semrush**, 27 mar. 2024. Disponível em: <<https://www.semrush.com/website/spotify.com/overview/?source=trending-websites>> Acesso em 3 abr. 2024.

STASSEN, Murray. Tidal launches in five more European countries. **MusicWeek**, 22 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.musicweek.com/news/read/hi-fidelity-streaming-service-tidal-launches-in-five-european-countries/060638>>. Acesso em 11 set. 2024.

VIEIRA, Marcelo Lopes. O Que é um Audiófilo e Como Saber se Você é Um? **O Som do Vinil**, s/d. Disponível em: <<https://osomdovinil.com/audiofilo/>> Acesso em 11 abr. 2024.

WERNER, A. Organizing music, organizing gender: algorithmic culture and Spotify recommendations. **The International Journal of Media and Culture**, v. 18, n. 1, p. 78-90, 2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15405702.2020.1715980#abstract>>. Acesso em: 18 out. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Comparação de aderência e não-aderência aos termos de pesquisa utilizados

Fontes	Aderência aos temas pesquisados				
	Indexação musical	Streaming	Spotify	Curadoria digital	Folksonomia
“Plataformas musicais” (2019)	✓	✓	✓	✗	✗
“Processamento da linguagem natural do domínio musical” (2018)	✓	✗	✗	✗	✗
“O consumo gratuito da música nas plataformas de <i>streaming</i> ” (2022)	✓	✓	✓	✗	✗
“A mediação algorítmica em plataformas de <i>streaming</i> de música e seus desdobramentos na cultura musical” (2023)	✗	✓	✓	✓	✗
“Representação da informação musical: análise dos aplicativos derivados a partir do Spotify” (2020)	✓	✓	✓	✓	✓
“Tidal: uma análise dos valores percebidos pelos usuários de música por <i>streaming</i> ” (2018)	✗	✓	✓	✗	✗
“Mudanças relevantes na indústria da música em tempos de pandemia” (2022)	✗	✓	✓	✗	✗
“Representação da informação musical: metáfora e sentido literal” (2022)	✓	✓	✓	✗	✓
“A digitalização das indústrias culturais: inovação e exclusão na indústria fonográfica” (2018)	✗	✓	✗	✗	✗
“Desmaterialização documental e vácuo informacional” (2020)	✗	✓	✓	✗	✗
“Organização de documentos sonoros na web” (2016)	✗	✓	✗	✗	✓
“Proposta de base de dados para classificação automática de gêneros musicais brasileiros” (2021)	✓	✓	✓	✗	✗
“OPAC 2.0: uma proposta de metodologia de análise” (2017)	✗	✗	✓	✗	✗

“Modelo de análise de catálogos 2.0” (2018)	X	X	✓	X	X
“Modelo colaborativo para a construção e a publicação de Tesouros no contexto do <i>Linked Open Data</i> : aplicação no domínio da Música” (2021)	✓	X	X	X	✓
“Curadoria musical no Spotify” (2017)	✓	✓	✓	✓	X
“Na vazante da infomaré” (2019)	✓	✓	✓	X	X
“Folksonomia como objeto de estudo no GT-2 do ENANCIB” (2019)	✓	X	X	X	✓
“Aspectos convergentes da curadoria digital e da representação da informação” (2019)	✓	X	X	✓	X
“A folksonomia e a representação colaborativa da informação em ambientes digitais” (2014)	✓	X	X	X	✓